

Práticas sociais e linguageiras no sul do Brasil: fronteiras mescladas¹

Social and language practices in south Brazil: mixed
borders

Verli Petri*
(CNPq/UFSM)

Resumo: *Nossa proposta, nesse texto, é refletir um pouco sobre como se constituem sujeitos e sentidos em práticas sociais e linguageiras no sul do Brasil pelas relações que se estabelecem entre-línguas no espaço plural da região da Quarta Colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul. É de uma perspectiva discursiva, levando em conta o funcionamento do imaginário e do simbólico, que discutimos a noção de fronteiras mescladas, o que vai nos dando a conhecer as diferentes facetas de um sujeito múltiplo, amalgamado em múltiplas línguas e culturas.*

Palavras-chave: *Sujeito, Língua, Fronteiras mescladas.*

Abstract: *Our proposal, in this text, is to reflect a little on how subjects and meanings are constituted in social and language practices in southern Brazil through the relations established between languages in the plural space of the region of the Fourth Colony of Italian immigration in Rio Grande from the South. It is from a discursive perspective, taking into account the functioning of the imaginary and the symbolic, that we discuss the notion of mixed borders, which makes*

us aware of the different facets of a multiple subject, amalgamated in multiple languages and cultures.

Keywords: *Subject, Language, Mixed borders.*

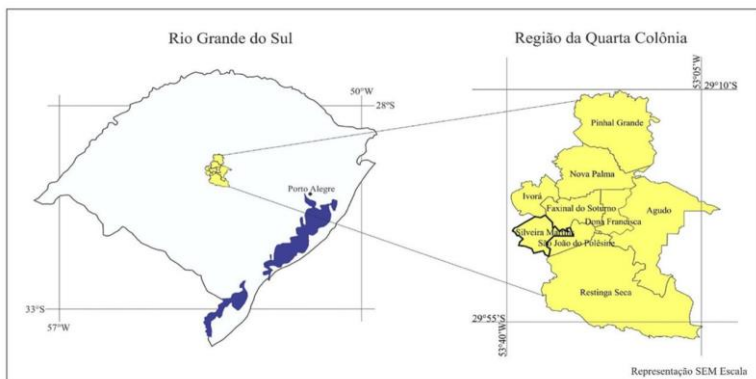
1. Palavras iniciais

Não há, pois, como desconhecer a história do sujeito e da língua na produção do conhecimento do sujeito sobre a língua (ORLANDI, 2002, p. 29).

Para iniciar esta reflexão, trazemos uma constatação de Orlandi (2002, p. 10-11) quando nos alerta sobre a necessidade de se trabalhar “com o fato de que há língua e há línguas”. Nossa interpretação sobre essa máxima discursiva é bem particular e diz respeito ao fato de que vivemos num país plural. A pluralidade étnica, linguística e cultural – muito embora seja “domesticada” pelo efeito de unidade da noção de Língua Portuguesa como aquela que é língua nacional e oficial – é que constitui as práticas sociais e linguageiras de modo muito singular.

É considerando um lugar geográfico, político, imaginário e simbólico bem específico que abordaremos esta reflexão: línguas e sujeitos em circulação pela região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. Nesse espaço discursivo, inscrevem-se prioritariamente sujeitos considerados descendentes de imigrantes europeus, especialmente advindos da Itália, que, frequentemente, se autodenominam como italianos ou gringos². Há uma delimitação de fronteiras físicas, há uma “linha imaginária”³ que contorna o território que pode ser nomeado como “Quarta Colônia”. No interior da chamada Quarta Colônia, há limites geográficos que definem as fronteiras políticas que separam e unem os municípios dessa região. O mapa a seguir (figura 1) pode bem ilustrar essas posições:

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul com destaque para a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.



Fonte: <https://www.scielo.br/j/floram/a/S9zrBrXyvGbvKrP85gB8zgh/?lang=pt#>.
 Acesso em: 21 jun. 2021.

A visualização do mapa nos dá acesso também à posição da Quarta Colônia em um espaço politicamente determinado como Região Central do Estado do Rio Grande do Sul. Para a região central, temos Santa Maria⁴ como município de referência, de onde parte nosso olhar e de onde se realiza esta reflexão.

A Quarta Colônia é uma designação que dá conta da imagem como um todo, mas ela é também parte da Região Central do Rio Grande do Sul, do Brasil, do Cone Sul, da América Latina. Importa destacar aqui a proximidade da Quarta Colônia com a fronteira internacional, via região Oeste do estado, onde se estabelecem relações entre sujeitos e entre línguas, sobretudo a Língua Espanhola do Sul da América, por nós designada como Castelhana.

Faz-se necessário retomar aqui a ideia de país plural, colonizado por Portugal em suas disputas territoriais com a Espanha. Trata-se de um espaço genuinamente plural: o sujeito que veio de Portugal é um falante que trabalha no processo de colonização, que teve contato com os índios, que disputou domínios com a Espanha, que escravizou africanos, que recebeu refugiados europeus, etc. O estabelecimento de tais relações linguísticas e culturais nos confere essa característica plural, o que pretendemos explorar um pouco mais neste texto.

A reflexão que propomos traz à baila o que designamos como “plural de línguas e sujeitos”, em funcionamento num espaço bem específico, com suas tensões, coalisões e litígios. Há uma pluralidade de línguas

que habitam Santa Maria e a região da Quarta Colônia de imigração italiana, assim sendo, nessas condições de produção, circulam sujeitos e sentidos múltiplos. No interior da Quarta Colônia, recortamos o município de Silveira Martins⁵, local onde está instalado o Espaço Multidisciplinar de Pesquisa e Extensão da UFSM, ao qual nos filiamos como pesquisadores, através do Centro de Documentação e Memória⁶.

Importa destacar também que as rápidas viagens de moradores de Santa Maria ou dos municípios da Quarta Colônia às cidades de países vizinhos são bastante comuns, muito motivadas pelas facilidades comerciais entre os países do Mercosul. Isso se deve, também, à proximidade com os países da região do Prata/Pampa hispano-falante (Uruguai e Argentina, reconhecidas zonas de fronteiras físicas e políticas que nos dão a conhecer o Portunhol⁷). As influências linguísticas e culturais são observáveis, promovendo já uma relação de aproximação entre sujeitos que se dizem “italianos” (descendentes de) e fronteiriços (fazendo alusão aos “hermanos, castelhanos”). Perpassando tudo isso, numa relação de entremeio, faz-se necessário mencionar o funcionamento ininterrupto da dita “linguagem gauchesca”⁸ (e suas tradições!) se atravessando o tempo todo.

De fato, tivemos a oportunidade de vivenciar tais práticas e desenvolver um trabalho de pesquisa com moradores da comunidade local. Na realização do projeto intitulado “A construção do Primeiro Dicionário Compartilhado de Silveira Martins”, obtivemos o apoio do CNPq com bolsistas de Ensino Médio, inseridos nas práticas sociais e linguageiras em estudo, o que qualificou bastante os resultados obtidos. É sobre esse material que nos debruçaremos para a produção deste texto.

Diante da realidade social descrita até aqui é que nos propomos a refletir sobre como se constituem sujeitos e sentidos em suas relações com a constante presença de fronteiras, as quais tomamos a partir daqui como “fronteiras mescladas”, o que vai nos dando a conhecer um sujeito amalgamado em múltiplas línguas e culturas.

2. Um pouco sobre práticas sociais e linguageiras no Sul do Brasil

Viver no Brasil é ter contato com uma pluralidade de línguas (GUIMARÃES, 2005), uma riqueza que nos surpreende e nos confronta quase que diariamente. Estar mais ao Sul, com todas as ondas

separatistas que já vivemos, é enfrentar um imaginário de língua gaúcha ou linguagem gauchesca que se impõe numa tentativa de apagar ou negar as outras... Há um esforço de marcar esse lugar como “o” diferente capaz de ser independente! Entretanto, isso está longe de ser um sonho de liberdade, trata-se de um projeto de escravidão branca, hegemônica, de imposição de uma língua outra (talvez a Língua Alemã), de uma bandeira outra! A contradição se instala nesse espaço plural de línguas, no qual tenta instaurar-se um imaginário de língua uma/única que pudesse suplantar todas as outras. O que é tema para outro texto...

Como sabemos, as práticas sociais pressupõem sujeitos, constituídos historicamente, dotados de inconsciente e interpelados ideologicamente (ORLANDI, 1999). As relações do sujeito com a história são fundamentais para nossa reflexão, como nos ensina Orlandi (2002, p. 27), é preciso tomar a língua como “objeto simbólico em movimento como parte de uma história em que sujeitos e sentidos se constroem”. Nesse caso, tratamos de sujeitos falantes que, ao produzirem seus discursos, promovem também o fazer. Daí que avançamos um pouco para pensar nas práticas languageiras, posto que elas têm essa implicação material: ao produzir discurso, o sujeito diz de si e já está efetivamente realizando algo, intervindo em seu cotidiano que é da ordem do imaginário social e dos modos de simbolização. Afinal, os sentidos que se atravessam de uma formação discursiva (FD)⁹ na outra “perturbam a relação do sujeito com o simbólico” (ORLANDI, 2002, p. 38). De fato, é possível identificar que são diferentes formações discursivas em funcionamento, mas elas são porosas, os saberes se tocam, dialogam. Há mesclas.

Refletir sobre práticas languageiras significa aqui pensar em processos, levando em conta o simbólico, pois há um esforço em compreender não só como se realizam, mas também as implicações que tais práticas trazem para a constituição do sujeito que se identifica mais ou menos com os saberes de uma dada formação discursiva. Concordamos com Rasia (2018, p. 181) quando afirma que “a prática languageira configura-se, assim, como o lugar de instauração do confronto [...]. Trabalho político da língua na história, cuja trama levamos a mobilizar o estatuto conferido ao discurso”, os efeitos de sentido se dão nesse espaço contraditório no qual o sujeito se inscreve socialmente. A complexidade, bem como a sedução que essa questão

produz, reside justamente no desafio de se constituir como sujeito entre-línguas sem, necessariamente, tomar consciência disso. A língua que o sujeito acessa é também uma “língua partida” (PETRI; MEDEIROS, 2013). O sujeito é dividido! Ele existe em e por suas práticas!

A partir desse breve balizamento teórico, passamos a descrever rapidamente um projeto que está em desenvolvimento, desde 2019 (inspiração para este texto), cujos resultados, ainda que parciais, contribuem para que tais reflexões possam ser elaboradas. Trata-se do esforço em construir um “Primeiro Dicionário Compartilhado de Silveira Martins”¹⁰, fazendo referência ao que vivenciamos no pequeno município da região de imigração italiana bem próximo de Santa Maria, onde trabalhamos representando a UFSM, junto a um espaço de trabalho diferenciado¹¹, destinado à pesquisa e à extensão universitária.

Para a construção do “Dicionário”, sob nossa orientação, os dois bolsistas, entre 15 e 17 anos, se dispuseram a fazer a pesquisa e trazer para discussão (em reuniões semanais) palavras e imagens que significassem as relações entre línguas, bem próprias aos descendentes de italianos que vivem nas proximidades e tentam manter vivas as tradições vindas com as famílias da Europa.

Partindo do pressuposto de que estaríamos acessando uma dada representatividade desse grupo de falantes, buscamos reunir palavras e possibilidades de sentidos que devem compor um livro bastante afetado pela exterioridade que lhe é constitutiva. O movimento que temos observado é oscilante e se assemelha ao que Orlandi (2002, p. 11) descreve como o movimento entre “o espontaneísmo das lembranças e a fixidez petrificada da memória eternalizada”. O que se acentua em uma leitura bem local, ao demarcar Santa Maria/Quarta Colônia/proximidade com a fronteira geográfica e política dos países hispano-falantes, no interior¹² de um Rio Grande do Sul que celebra uma linguagem e uma cultura dita gauchesca, vejamos no mapa (figura 2):

Figura 2: Recorte do mapa da região Sul do Brasil, no qual aparece o Rio Grande do Sul em sua vasta fronteira com Argentina e Uruguai.



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/estados-do-sul/>.
Acesso em: 22 jun. 2021.

A diversidade linguística se impõe, promovendo um constante deslocamento de fronteiras simbólicas, constituindo uma pluralidade que nos parece inapreensível em sua totalidade, tomando como deslizamento do que Gadet e Pêcheux nomearam como “a língua inatingível”. A Língua Portuguesa no e do Brasil, juntamente com todas as outras línguas em circulação, constitui sujeitos múltiplos, interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente, constituídos pela heterogeneidade. Porém, quando se trata do Sul do país, da nossa microrregião de pertencimento, parece que as questões ideológicas intervêm de modo sistemático, produzindo efeitos de evidência, dos quais tentamos nos desvencilhar. As línguas (ou o que restou delas) circulam impunemente, há uma riqueza de “variantes” regionais – assim nomeadas por falta de uma palavra melhor –, e tais variantes circulam e funcionam com toda a legitimidade, conferida pelos próprios falantes. Os falantes vivem em suas práticas cotidianas a pluralidade linguística e cultural, sendo que, na maioria das vezes, nem tomam consciência disso.

Quando pensamos no que restou das línguas, estamos aludindo às políticas linguísticas de extermínio vividas no passado, sobretudo num passado não muito distante: a) o governo de Vargas, por exemplo,

proibiu as línguas dos imigrantes; b) as políticas escolares reproduziram tal direcionamento ideológico, bem como promoveram a desqualificação das variantes rurais em detrimento da norma culta, num esforço governamental para calar os descendentes de imigrantes (reconhecidos como “colonos”) e os gaúchos (reconhecido como “peões”), que também perderam suas terras e passaram a engrossar os cinturões de miséria das grandes cidades, invisíveis e silenciosos. A esses dois grupos sociais foi atribuída a característica da ignorância linguística e cultural, até hoje esses sentidos ressoam e causam indignação. São, pelo menos, esses dois elementos históricos identificáveis que significam muito e que, ao reverberarem, marcam o direcionamento da constituição do sujeito e dos sentidos na e pela língua: desde muito tempo é preciso resistir!

De fato, as histórias de vida dos descendentes de imigrantes italianos e dos gaúchos advindos do pampa se entrelaçam, se mesclam, assim como suas vozes, suas culturas estão mescladas. Observamos que além da linguagem/cultura gauchesca estar em pleno funcionamento nas práticas dos sujeitos da região da Quarta Colônia, também circulam saberes advindos da Língua Italiana, hoje reconhecida pela variante do Talian¹³. Tratam-se de variantes que circulam na oralidade, no meio dos seus falantes, e nesse caminho vão circulando também nos espaços escritos (ainda que de modo mais restrito) e isso se dá muito especialmente pelo léxico e pelas formas de nomeação, seja para objetos comuns, seja para os nomes próprios (pontos turísticos, restaurantes, pratos típicos da culinária, etc.).

Observamos que tais elementos linguísticos passam a significar simbolicamente não só para quem acessa tais saberes efetivamente em suas especificidades, mas também para aqueles que acessam a generalização e a especificidade que um nome pode trazer/carregar. Por exemplo: um turista pode acessar o restaurante Della Campagna e comer um belo prato de massa à moda italiana, mas ele pode acessar muito mais do que isso pela historicidade que o nome do estabelecimento engendra, pelo espaço físico tal como foi pensado, pelas memórias de família que estão ali dispostas para que se possa conhecer. Tal nome, ao ser “traduzido” para a Língua Portuguesa, passa a significar “do campo” e, para Caroline Moreira Foletto, idealizadora do restaurante: “quando pensamos em construir queríamos um nome que remetesse a algo da terra, do campo, onde a natureza pode ser

vivida”. Esse depoimento¹⁴ não traz uma referência direta à Língua Italiana ou a sua descendência, posto que isso está naturalizado para ela. As relações que ela explicita estão ligadas a algo maior que deverá tocar profundamente os frequentadores, pois remete a um sentimento de pertença, pelas relações telúricas. A imagem a seguir (figura 3) ilustra o que estamos dizendo, pois traz o nome que remete ao elemento próprio da língua, trazendo também as características locais observáveis na paisagem natural e na própria edificação:

Figura 3: Della Campagna – Restaurante localizado próximo ao trevo da entrada de Silveira Martins.



Fonte: Acervo Pessoal das pesquisadoras Ana C. B. Felin e Verli Petri.

Para além disso, temos a dita linguagem/cultura gauchesca, sobre a qual já tratamos em outros trabalhos¹⁵, nos quais explicitamos que não se trata de uma língua, muito embora haja um esforço de gramatização (desde o século XIX), seja pela publicação de obras literárias – **O gaúcho**, de José de Alencar (1870); **Contos gauchescos**, de João Simões Lopes Neto (1912), por exemplo – tantas vezes advindas de pesquisas, bem como da escuta e da oralidade; bem como na produção de instrumentos linguísticos, tais como vocabulários e dicionários – **Collecção de vocabulos e frases usados na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul**, de Antonio A. P. Coruja (1852); **Vocabulário Gaúcho**, de Roque Callage (1928); **Dicionário de Regionalismos do**

Rio Grande do Sul, dos irmãos Rui e Zeno Nunes (1982); para citar alguns.

Há, de fato, uma imbricação nesse espaço entre-línguas, uma certa indistinção das fronteiras entre uma variante e outra, elas se constituem mutuamente pelo simbólico, nelas se identificam sujeitos da Serra e da região do Pampa, sem que para isso tenha necessidade de um rótulo único. Os sujeitos vão falando, são sujeitos de suas práticas, vão tomando uma palavra pela outra, uma expressão por outra, e assim produzindo os deslizamentos que nos levam a pensar na metáfora como “perturbação” (PÊCHEUX, 2011) do que está logicamente estabilizado e que diz o que é ser um gringo ou ser um gaúcho, há um espaço para a criação, para o novo irromper nesse espaço de fronteiras mescladas.

Nessa direção de sentidos, não podemos pensar que essas relações se dão fora do jogo de forças, porque tais questões linguísticas, culturais e simbólicas se realizam no espaço de tensão, havendo interposição de litígios de um lado e de outro. É possível observar que existe um esforço mais ou menos consciente em separar aqueles que são ditos “gringos” dos outros ditos “gaúchos”, muito embora os gringos sejam gaúchos e os gaúchos sejam gringos. É como se o embate pudesse segregar os gringos na serra/Quarta Colônia e os gaúchos no campo/Pampa.

Quando falamos do gaúcho no Pampa, estamos trazendo para o debate a origem rural desse sujeito-falante da linguagem gauchesca, aquele que está muito próximo da fronteira Oeste, da região fronteira com Uruguai e Argentina. Aqui reside um ponto em comum na constituição desses sujeitos: a constituição ligada ao espaço rural. De fato, os descendentes de imigrantes italianos e os gaúchos nos remetem ao espaço rural, seja na serra/Quarta Colônia, seja no campo/Pampa. Daí advém também um outro ponto em comum: descendentes de imigrantes italianos e gaúchos, ligados às lidas rurais, têm dificuldades em relação à escrita (por razões diversas, são ditos pelo outro, os imigrantes porque não detêm o saber da Língua Portuguesa e os gaúchos porque não têm acesso à escola). Isso pode ser verificado mais especificamente com pessoas mais velhas, mas ressoa fortemente nos mais jovens.

Compreendemos, ao termos acesso à materialidade empírica (o que os alunos de Iniciação Científica do Ensino Médio - IC-EM coletaram), que devemos estabelecer as devidas relações com o que Orlandi (2002, p. 24) designa como “materialidade histórica” da língua. É pelas

distintas formas de historicização que tais variantes vão se estabelecendo, se relacionando e produzindo sentidos. São relações de confronto, mas também de fronteiras móveis. Há disputa, mas também há incorporações. O que há de uma e de outra na constituição de um sujeito que fala e que produz sentidos em Santa Maria e região não é mensurável, são práticas sociais nas quais o discurso diz muito do sujeito que não está enclausurado no que é dito como oficial ou padrão: ele resiste. E por tudo isso que “entendemos as práticas linguageiras como trabalho da língua e com a língua na história, espaço possível da resistência” (RASIA, 2018, p. 183).

Há um imaginário social em funcionamento que diz do gringo e do gaúcho em circulação, eles são diferentes e são também partes um do outro. Se, por um lado, temos o gringo que se identifica com o italiano de uma terra distante, num tempo outro, por outro lado, temos o gaúcho do Pampa que se identifica com “los Hermanos” de Uruguai e Argentina – e tais imaginários constituem esse sujeito que é um e que é outro. Modos de vida, práticas sociais e linguageiras nos conduziram a pensar sobre as fronteiras mescladas, e trouxemos a imagem (figura 4) de uma senhora da comunidade de Silveira Martins, descendente de italianos, muito à vontade com um hábito bem característico do gaúcho do Pampa, o chimarrão. Em uma imagem: um pouco dessa mescla que vimos falando.

Figura 4: Descendente¹⁶ de italianos (2ª geração) tomando chimarrão, diante do fogão à lenha, num dia frio de inverno.



Fonte: Acervo Pessoal das pesquisadoras Ana C. B. Felin e Verli Petri.

Considerações finais

Para finalizar nossa reflexão, retomamos a noção de sujeito múltiplo e dividido, falando no mundo, inserido em práticas que desconhecem fronteiras bem delimitadas ou rótulos que separam “gringos” e “gaúchos”. São relações entre sujeitos. As fronteiras são porosas, mescladas e recriam repertórios. As fronteiras são simbólicas e perpassam memórias e corpos. Não foi nossa pretensão esmiuçar fronteiras, mas sim de refletir um pouco sobre como as mesclas se apresentam. E o que fica é a necessidade de se desconstruir a ideia de fronteiras territoriais e denominadas como limites (às vezes tão regionais). Nossa proposta é a de observar a movimentação dessas fronteiras que denominamos como mescladas. Isso vai além das fronteiras geopolíticas já demarcadas.

A delimitação de fronteiras é uma questão política e, nesse viés, pensar sobre elas como mescladas é colocar a noção de “político” (cf. Rancière) em funcionamento. As fronteiras mescladas se realizam no espaço de pertencimento, de constituição do sujeito em ser brasileiro: o sujeito das práticas languageiras, levando em conta que as palavras têm história. A ideia de fronteiras mescladas aciona a possibilidade de não-divisão do espaço, embora ele siga pleno em múltiplas línguas, culturas, etc. Assim, podemos pensar em um sujeito que é um e que é muitos. Não se trata de derrubar fronteiras, posto que não estamos vendo as fronteiras físicas, mas é preciso tomá-las na sua dimensão simbólica, considerando as formações imaginárias que regulam as relações entre os sujeitos. Nessa dimensão sujeitos negociam sentidos. Quando o sujeito se manifesta, ele enuncia e anuncia o que lhe é constitutivo: a língua, o gesto, a imposição da voz, tudo isso diz muito das divisões, das fronteiras mescladas que fazem dele o que ele é.

Ao tomar posição, o sujeito fala de um lugar que toma como seu, as fronteiras não se apagam. É um espaço de disputas, de relações de força e de negociação de sentidos. O plural e o singular podem ser identificados. Há um encontro do eu com o outro, do eu com a diversidade que o constitui na mescla. Não se trata de um apagamento de fronteiras, e sim de olhar para as fronteiras de uma outra perspectiva, explicitando o funcionamento do múltiplo, das diferentes vozes, dos gestos, da possibilidade da mescla. É possível reconhecer o diferente no interior do mesmo, identificar-se com ele. A diferença e a contradição

são constitutivas desse sujeito que é gringo e gaúcho. O sujeito, em sua constituição material, imaginária e simbólica, nos permite pensar em outros modos de formulação para a fronteira, colocando-a no plural e determinando-a pela característica “mesclada”, que observamos no desenvolvimento da pesquisa. Fronteiras mescladas, sujeitos enredados num múltiplo de constituição. Os conflitos são constitutivos, as aderências também são.

Enfim, no esforço de finalizar uma reflexão, aqui recém iniciada, retomamos o que está posto em nossa epígrafe, pois acreditamos na importância de se saber mais sobre a história do sujeito e da língua para poder propor um trabalho de produção do conhecimento sobre a língua/as línguas.

Referências bibliográficas

CALLAGE, R. **Vocabulário gaúcho**. Porto Alegre: Livraria do globo, 1926.

CORUJA, A. A. P. **Colleção de vocabulos e frases usados na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul**. Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico do Brazil, tomo XV, n. 6, p. 210-240. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1852. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/coruja_1852_collecao. Acesso em: 18 jun. 2021.

GRANTHAN, M.; PETRI, V. Meu coração é um coração partido: o político como espaço de produção de sentidos. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.; SOBRINHO, H. F. S. (Orgs.). **Sujeito, sentido, resistência**: entre a arte e o digital. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 145-163, 2019.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. **Revista Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 24-28, jun, 2005.

LOPES NETO, J. S. (1912). **Contos gauchescos**. Nova edição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1997.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

- PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 141-150, 2011.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PETRI, V. Fronteiras moventes, sentidos deslizantes. In: ORLANDI, E.; MASSMANN, D.; DOMINGUES, A. Linguagem, instituições e práticas sociais. Pouso Alegre: Univás, p. 172-188, 2018.
- PETRI, V. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 29, p. 23-37, 2012.
- PETRI, V. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227-243, 2008.
- PETRI, V.; MEDEIROS, V. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 43-66, 2013.
- RASIA, G. L. S. Sobre a noção de práticas languageiras: lugares de emergência, filiações e fronteiras. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 52, p. 165-187, 2018.

Notas

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada em mesa-redonda do evento (on-line) Abralin em Cena, em março de 2021.

² Em geral, tal designação remete ao estrangeiro, àquele que é de fora, mas no caso do grupo social em específico, são eles que se autodenominam assim, inclusive diferenciando-se dos descendentes de alemães (que também habitam a região), numa tentativa de controlar os sentidos, associando-os à imigração italiana.

³ Inspirada pelo documentário “A linha imaginária” (2014), dirigido por Cíntia Langie e Rafael Andrezza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yLkSZhO4i5w>. Acesso em: 20 jun. 2021.

⁴ Que se autodenomina como “Coração do Rio Grande”, (cf. Grantham e Petri, 2019).

⁵ Na Figura 1, é possível identificar os limites políticos de Silveira Martins – RS, com um traçado em negrito.

⁶ Fundado e coordenado pela Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer.

⁷ Ou os portunhóis (cf. Petri, 2017).

⁸ cf. Petri, 2012.

⁹ Compreendida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que deve e pode ser* dito (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160, itálico do autor).

¹⁰ Produto em fase de confecção e que advém de um projeto submetido ao CNPq para a obtenção de bolsas de Iniciação Científica para alunos do Ensino Médio, ao qual fomos contemplados e trabalhamos com dois alunos da Escola Estadual Bom Conselho de Silveira Martins. Agradecimentos muito especiais a Ana Carolina Bovolini Felin, pela dedicação ao projeto.

¹¹ Sob a coordenação geral da Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer.

¹² Vale destacar, embora não tratemos disso no texto, também a presença de comunidade remanescente de Quilombolas na região central do RS, trata-se da comunidade conhecida como Rincão dos Martimianos, no município de Restinga Seca. Para saber mais, acessar: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rs-comunidade-quilombola-rincao-dos-martimianos-segue-lutando-contrainvasores-agua-contaminada-e-para-regularizar-e-finalizar-sua-situacao-fundiaria/>

¹³ Língua cooficial em muitos municípios gaúchos.

¹⁴ Depoimento registrado pela bolsista Ana Carolina Bovolini Felin, em 2019.

¹⁵ Cf. Petri (2008); Petri (2012); Petri; Medeiros (2013).

¹⁶ Dona Ilda Therezinha Pincolini Bovolini, 87 anos, moradora de Silveira Martins – RS, em um momento de descontração cotidiana. Foto capturada por sua neta Ana Carolina (bolsista do Projeto). Ela cedeu, gentilmente, sua imagem para compor nosso acervo.